

# A PAISAGEM DO RIO DOCE SOB A ÓTICA DOS VIAJANTES NATURALISTAS: PRÍNCIPE MAXIMILIANO WIED-NEUWIED, AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE E PRINCESA TERESA DA BAVIERA

*The landscape of Rio Doce from the perspective of naturalist travellers: Prince Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire and Princess Teresa of Bavaria*

**Sebastião Ricardo Machado Meireles**

Historiador, professor do Centro Universitário de Caratinga (UNEC), Brasil

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas

[sebastiao.ricardo@outlook.com](mailto:sebastiao.ricardo@outlook.com)

Recebido: 11.11.2022

Aceito: 04.02.2023

## Resumo

No século XIX, viajantes e naturalistas navegaram pelas águas do Rio Doce, registrando suas características geográficas, biológicas, zoológicas, étnicas e culturais. Diante disso, este estudo, no âmbito das Geografias Cultural e Histórica propõe analisar a paisagem geográfica, conforme registros dos viajantes naturalistas: príncipe Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire e princesa Teresa da Baviera que empreenderam expedições científicas no Rio Doce no século XIX. O objetivo da pesquisa é analisar a paisagem sob a percepção desses viajantes a partir dos relatos dos seus diários de viagens. O estudo teve como referência os livros Viagem ao Brasil – Tomo I – capítulos VII e VIII, Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais e Viagem pelos Trópicos Brasileiros: Província do Espírito Santo, de autoria de Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire e princesa Teresa da Baviera respectivamente.

**Palavras-chave:** Paisagem; Rio Doce; Viajantes naturalistas.

## Abstract

In the 19th century, travellers and naturalists navigated the waters of the Rio Doce, recording their geographical, biological, zoological, ethnic and cultural characteristics. Given this, this study, within the framework of Cultural and Historical Geographies, proposes to analyze the geographical landscape according to the records of the naturalistic travellers: prince Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire and Princess Teresa of Bavaria, who undertook scientific expeditions in the Rio Doce in the century XIX. The research aims to analyze the landscape under the perception of these travellers from the reports of their travel journals. The study had as reference the books Viagem ao Brasil - Tomo I - chapters VII and VIII, Trip by the provinces of Rio de Janeiro and Minas Gerais and Trip by the Brazilian Tropics: Province of Espírito Santo, authored by Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire and Princess Teresa of Bavaria respectively.

**Keywords:** Landscape; Rio Doce; Naturalist travelers

## 1. INTRODUÇÃO

A vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, provocou mudanças significativas nas estruturas econômica, social e cultural da colônia. Isto possibilitou a imigração de muitos estrangeiros para o Brasil, desde membros da burocracia e aristocracia portuguesa a homens da arte e da ciência. O Rio de Janeiro, que se tornara sede de um governo europeu, recebia um fluxo maior de estrangeiros, muitos, inclusive, contratados por D. João na chamada Missão Francesa<sup>1</sup>, composta por artistas, professores, arquitetos, escultores, entre outros. Desde então, tornou-se cada vez mais frequente a vinda de estrangeiros para o Brasil.

Nesse período, destaca-se a vinda de viajantes naturalistas, que, apoiados pelo governo e pelas instituições às quais pertenciam, exploraram cientificamente várias partes do território brasileiro. Tendo como objetivo desenvolver trabalhos científicos, os viajantes produziram um vasto material com registros em cadernos e diários de viagem, que continham descrições botânicas, zoológicas, culturais, etnográficas e geográficas. Uma das justificativas para essas pesquisas realizadas no continente americano, sobretudo, na América do Sul, foi o fato de, no século XIX, ter intensificado, na Europa, “a busca pelo conhecimento, além da necessidade de investigar, classificar e ordenar o mundo da natureza” (RIBEIRO, 2004, p.26).

Arelado a isso, os relatos das viagens exploratórias ao Brasil foram publicados na Europa, “para leitores ávidos de notícias sobre um Brasil até então desconhecido (...). Tais relatos produziam representações sociogeográficas para europeus que, a partir daí, construíram sua identidade em oposição ao que passou a ser o resto do mundo” (DUARTE, 2002, p.268). Posteriormente, os relatos de viagens foram traduzidos e transformados em livros<sup>2</sup>, contribuindo, assim, como uma rica fonte para diversos estudos em variadas ciências.

---

<sup>1</sup> A Missão Artística Francesa veio ao Brasil a convite da corte portuguesa com o objetivo de desenvolver culturalmente a colônia e criar a Imperial Academia e Escola de Belas Artes. Assim, em 1816, desembarca, no Rio de Janeiro, um grupo de artistas franceses liderados por Joachim Le Breton, “um homem com larga experiência artística, historiador e crítico de arte e que, no período napoleônico, ocupara altos cargos na administração cultural francesa (SOUZA e SILVA, 2009)”. Compunha a comitiva de artistas e artífices, o pintor Jean Baptiste Debret (1768-1848), que deixou um importante acervo para os estudos da história e cultura brasileira na primeira metade do século XIX, com destaque para a obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, fruto dos 15 anos que esteve no Brasil.

<sup>2</sup> As obras dos viajantes naturalistas que estiveram no Brasil durante o século XIX foram traduzidas e publicadas em português pelas seguintes editoras: a Companhia Editora Nacional publicou uma ampla coleção denominada Brasileira; Coleção Reconquista do Brasil, publicadas sob a responsabilidade da Editora da Universidade de São Paulo e/ ou da Livraria Itatiaia Editora Ltda.

Entre os viajantes naturalistas que estiveram no Brasil, estão o príncipe Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire e a princesa Teresa da Baviera. Em momentos distintos, os três viajaram por alguns estados brasileiros, como o estado do Espírito Santo, o qual faz parte do recorte espacial desse estudo. O motivo da escolha dos viajantes mencionados acima se deve ao fato de os três terem percorrido parte do Rio Doce, importante rio brasileiro, que desde o início da colonização consta em registros históricos e cartográficos.

Destarte, o objetivo deste artigo é analisar a paisagem sob a percepção desses viajantes a partir dos seus relatos. Para tal, realizou-se a leitura das obras *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*, do príncipe Maximiliano Wied-Neuwied; *Segunda Viagem ao Interior do Brasil: Espírito Santo*, de Auguste de Saint-Hilaire; e *Viagem pelos Trópicos Brasileiros: Espírito Santo*, de autoria da princesa Teresa da Baviera, dando ênfase às impressões realizadas sobre o Rio Doce, sobretudo, às descrições da paisagem como um todo, atento aos aspectos naturais e culturais.

Num primeiro momento, fazem-se necessárias algumas considerações sobre a categoria geográfica *paisagem*. Antes, contudo, é importante destacar que não se dará, aqui, um debate teórico-conceitual. Dessa forma, apresentar-se-ão alguns conceitos de paisagem imprescindíveis para a compreensão da temática desse estudo.

## **2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA GEOGRÁFICA PAISAGEM**

A paisagem, um dos conceitos-chaves da geografia, de definição polissêmica, oferece uma série de abordagens interdisciplinares, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, com o advento da chamada Geografia Cultural, sublinha da Geografia Humanista.

Entre as definições do verbete *paisagem* apresentadas pelo dicionário Houaiss (2001), destacam-se que a paisagem é: 1. “extensão de território que o olhar alcança num lance; vista, panorama;” 2. “conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar”. As duas definições privilegiam o aspecto visual da paisagem, ou seja, estão diretamente ligadas à percepção do ser humano sobre um determinado e limitado espaço.

Para Molin e Oliveira (2008, p. 03), “a paisagem pode ser compreendida pela construção de uma imagem que retrata as relações mantidas entre o homem e a natureza ao longo do processo evolutivo, resultantes na construção de um espaço fisicamente

tangível”. Assim, considerando a relação entre o homem e o meio, pode-se classificar a paisagem em natural e cultural.

Já o geógrafo francês Georges Bertrand concebia os estudos da paisagem considerando-a como um todo, fruto de uma integração entre o natural e as ações humanas e não “elementos geográficos disparatados”. Para Bertrand (2004, p. 141), a paisagem “é uma determinada porção do espaço, resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução”.

A paisagem, para o geógrafo e naturalista alemão Alexander von Humboldt, “era vista de forma holística, associada a um conjunto de fatores naturais e humanos” (Risso, 2008, p. 68). Ainda sobre Humboldt, Vitte (2010, p.12), apresenta que ele preocupava-se

(...) com uma integração entre a vida do homem e o mundo natural. A exemplo de Goethe, enxergará uma comunhão entre o subjetivo e o objetivo, só que, nesse caso, voltada a uma análise integradora entre a história humana e a história natural. A manifestação regional das diferentes paisagens diz respeito também ao papel desempenhado pelo homem, se associa, neste momento, a atividade humana com a consagração das finalidades e formas naturais, não por uma simples contemplação, mas pela direta e efetiva transformação. Também neste sentido se admite o caminho inverso, a capacidade de diferentes condições naturais atuarem na formação de um povo ou de sua cultura. A paisagem deixa de ser uma representação dos quadros naturais para se configurar como uma paisagem geográfica.”

Neste estudo, a análise da paisagem dar-se-á sob o olhar de viajantes naturalistas, que, assim como Humboldt, estiveram na América do Sul em expedições de cunho científico e retrataram essa integração entre o ser humano e o natural, como sugeria o geógrafo alemão. Desta forma, Saint-Hilaire, Maximiliano de Wied-Neuwied e Teresa da Baviera, em suas viagens pelo Brasil, fizeram descrições pormenorizadas da fauna, flora e das diversidades étnicas e culturais.

Os viajantes naturalistas, Maximiliano de Wied-Neuwied e Teresa da Baviera, além dos relatos nos diários de viagens, registraram suas impressões da paisagem por meio de pinturas<sup>3</sup>, e fotografias. Essas representações da paisagem por meio da pintura oferecem análises multifacetadas, independente do recorte espaço/temporal privilegiado pelo pintor. A propósito, a pintura de uma determinada paisagem oferece comparações da paisagem

---

<sup>3</sup> Diversos artistas se destacaram pela pintura de paisagem. Entre eles: Van Gogh (1853-1890), Frederic Church (1826-1900), Thomas Cole (1801-1848), Albert Bierstadt (1830-1902), Thomas Ender (1793-1875) e Eduard Hildebrandt (1818-1868).

retratada na tela e a paisagem atual, auxiliando na compreensão do processo evolucionar da paisagem. A respeito, Ferraz (2001, p.154), observa que

(...) a paisagem representada numa pintura expressa as formas de olhar o mundo a partir das condições históricas, culturais, políticas, éticas, estéticas, técnicas e tecnológicas que o pintor e o público estavam inseridos. Tal fato, portanto, permite-nos colher noções que, mesmo que a pintura não expresse a realidade em sua inteireza, auxilia a uma melhor compreensão da visão que os indivíduos e a sociedade possuíam de sua espacialidade em determinada época e lugar”.

Outro enfoque dado à paisagem, e que é privilegiado nessa pesquisa, é a análise da paisagem a partir do texto, considerando a interpretação em detrimento das descrições morfológicas. Cosgrove e Jackson, (1987) salientam que “a metáfora da paisagem como ‘texto’, a ser lido, interpretado, analisado e explicado como documento social” vem se tornado mais frequente entre os geógrafos humanistas, especialmente na linha da geografia cultural.

### **3. O RIO DOCE<sup>4</sup>: DO DESCOBRIMENTO A ROTA DOS VIAJANTES NATURALISTAS**

A notícia de ter ouro na colônia aumentou o interesse dos portugueses em adentrar o território desconhecido. Os indígenas, que habitavam as regiões ribeirinhas mais distantes da costa, contaram aos forasteiros sobre a existência de pedras preciosas, tendo inclusive, mostrado algumas delas. A esse respeito, Pero de Magalhães Gandavo, no livro *Tratado da Terra do Brasil: História da Província de Santa Cruz* (1576) observa que “(...) nesta Capitania de Porto Seguro chegarão certos índios do Sertão a dar novas dumhas pedras verdes que havia numa serra muitas legoas pela terra dentro, e trazião algumas delas por amostra, as quaes erão esmeraldas, mas não de muito preço”.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> A origem do nome Rio Doce deve-se ao fato de se encontrar água doce a pouco mais de 9 km da costa. A Agência Nacional de Águas - ANA (2016, p.6) apresenta as seguintes características do Rio Doce: O rio Doce recebe esse nome a partir da confluência dos rios Piranga e do Carmo, entre as cidades de Ponte Nova, Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado, em Minas Gerais. O curso d’água principal da bacia percorre 888 km desde a nascente do rio Xopotó até a sua foz no Oceano Atlântico localizada no município de Linhares, Estado do Espírito Santo. A área de drenagem da bacia do rio Doce corresponde a cerca de 84 mil km<sup>2</sup>, dos quais 86% encontram-se no Estado de Minas Gerais e 14% no Espírito Santo. Está localizada na Região Hidrográfica do Atlântico Sudeste, no Sudeste do Brasil. Possui rica biodiversidade, estando 98% de sua área inserida no bioma de Mata Atlântica, um dos mais importantes e ameaçados do mundo, e os 2% restantes em área de Cerrado. A bacia hidrográfica compreende 225 municípios, cujos territórios estão total ou parcialmente nela inseridos, sendo 200 mineiros e 25 capixabas. São 209 sedes municipais localizadas no território da bacia, com uma população residente de aproximadamente 3,6 milhões de habitantes.

<sup>5</sup> Foi preservada a ortografia contida no livro: GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz* (1576). Editora USP/Itatiaia, 1992.

É nesse contexto que, durante o primeiro século do descobrimento do Brasil, foram organizadas várias expedições para subir o Rio Doce. De acordo com Almeida (1978), quando os desbravadores e aventureiros voltavam do rio, traziam notícias que “despertavam ambições e produziam lendas de riquezas inexauríveis”.

Assim, desde os primórdios da colonização brasileira, o Rio Doce é citado nos registros oficiais do governo. Seu achamento data de 13 de dezembro de 1501, quando navegantes portugueses, que faziam o reconhecimento da nova terra, registraram a descoberta do Rio Doce, denominado de *watu* pelos indígenas (COELHO, 2011).

As expedições iniciais, empreendidas por aventureiros ávidos em encontrar qualquer resquício de metal precioso, não tiveram o êxito desejado. Algumas embarcações tombaram ou caíram em cachoeiras, como a comitiva liderada por Martim de Carvalho, em 1570 (VASCONCELOS, 1999). Outras, que traziam pouquíssimas quantidades de pedras “preciosas”, eram consideradas de medíocre qualidade (DENIS, 1980).

Nesse período, a expedição mais efetiva foi a de Sebastião Fernandes Tourinho, organizada no outono de 1573 e que, munido de uma tropa com 400 homens, percorreria aproximadamente 300 léguas, navegando pelos rios Doce, Mandi (Guandu) e Aceci (Suaçuí Grande) (SOUZA, s/d). Segundo Diogo de Vasconcelos, em *História Antiga das Minas Gerais* (1999, p. 51), nessa expedição, Tourinho “colheu belíssimos exemplares de pedras azuis, safiras, esmeraldas, e cristais de primeira qualidade, além de boas amostras de minério aurífero, jazidas todas que ficavam junto a uma serra fragorosa e coberta de matas espessas”.

Os poucos achados de Fernandes Tourinho foram suficientes para que o governo organizasse mais expedições como as de Antônio Dias Adorno, em 1574, de Diogo Martins Cão, em 1598, de Marcos de Azeredo Coutinho, em 1611, de João Fernandes Gato, em 1621, de padre João Martins, em 1624, de Inácio de Siqueira, em 1634, de padres jesuítas, em 1646, de João Correia de Sá, em 1660, de Agostinho Barbalho Bezerra, em 1665 e 1667 e de José Gonçalves de Oliveira, em 1675. Contudo, nenhuma delas obteve o sucesso esperado: voltar com grande quantidade de metais preciosos.

Somente no ano de 1693, Antônio Rodrigues Arzão retorna do Rio Doce trazendo amostras de ouro e de pedras coradas, as quais entrega ao capitão-mor João Velasco de Molina. Nesse mesmo período, no alto da bacia do Rio Doce, bandeirantes paulistas, entre eles, Fernão Dias Paes Leme, também vinham em busca de ouro (MIRANDA,

1949). Por meio de incursões pela foz e por bandeiras pelo alto da bacia, o ouro foi, aos poucos, florescendo na região que, mais tarde, viria a ser a Capitania de Minas Gerais.

Com a descoberta do ouro e a sua abundante extração, o governo, para controlar a produção aurífera e não desviar o foco da mineração, “proíbe a abertura de trilhas, picadas ou caminhos e barra a navegação das canoas, isolando assim a parte alta da bacia” (MIRANDA, 1949). A partir de então, as incursões no Rio Doce se restringem às regiões próximas à sua foz. Além dessa medida, a presença de indígenas *botocudos*<sup>6</sup> na bacia do Rio Doce, colaborou para que grande parte dessa região continuasse longe da “civilização”.

O interesse dos europeus em conhecer o Rio Doce e todo o seu cenário perdurou pelos séculos XVIII e XIX. Foi neste último, no entanto, que inúmeros viajantes naturalistas e homens de variadas ciências subiram o Rio Doce, com o intuito de explorá-lo cientificamente. Desta forma, escolheu-se, neste trabalho, três importantes personagens, os quais terão suas impressões sobre a paisagem do Rio Doce analisadas.

#### **4. PRÍNCIPE MAXIMILIANO WIED-NEUWIED: O RIO DOCE E OS BOTOCUDOS**

No ano de 1815, o príncipe Maximiliano Wied-Neuwied organizou uma expedição científica ao Brasil, que teve como rota a região entre as capitanias do Rio de Janeiro e Bahia. Esta corresponde, atualmente, os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Entre os objetivos do príncipe em vir para o Brasil, estava ampliar seu conhecimento sobre a história natural e a geografia (WIED-NEUWIED, 1958). Sua viagem durou dois anos e resultou na publicação dos livros *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817 (Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817)* e *Contribuições para a História Natural do Brasil (Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien)*. Este último foi complementado pela publicação de *Ilustrações da História Natural do Brasil (Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens)*.

Maximiliano nasceu no ano de 1782, no principado de Neuwied, localizado à margem direita do Reno. Diferentemente dos demais viajantes naturalistas, Maximiliano era, também, príncipe. Contudo, o fato de ser o oitavo filho na linha sucessória do

---

<sup>6</sup> O nome de botocudos lhes vem de usarem, no lábio e nas orelhas, uma grande cavilha de madeira, à semelhança de batoque, que é como chamam os portugueses as rolhas de barril. Esses selvagens se distinguem pelo costume de comer carne humana e pelo espírito guerreiro. (WIED-NEUWIED, 1958, p.284).



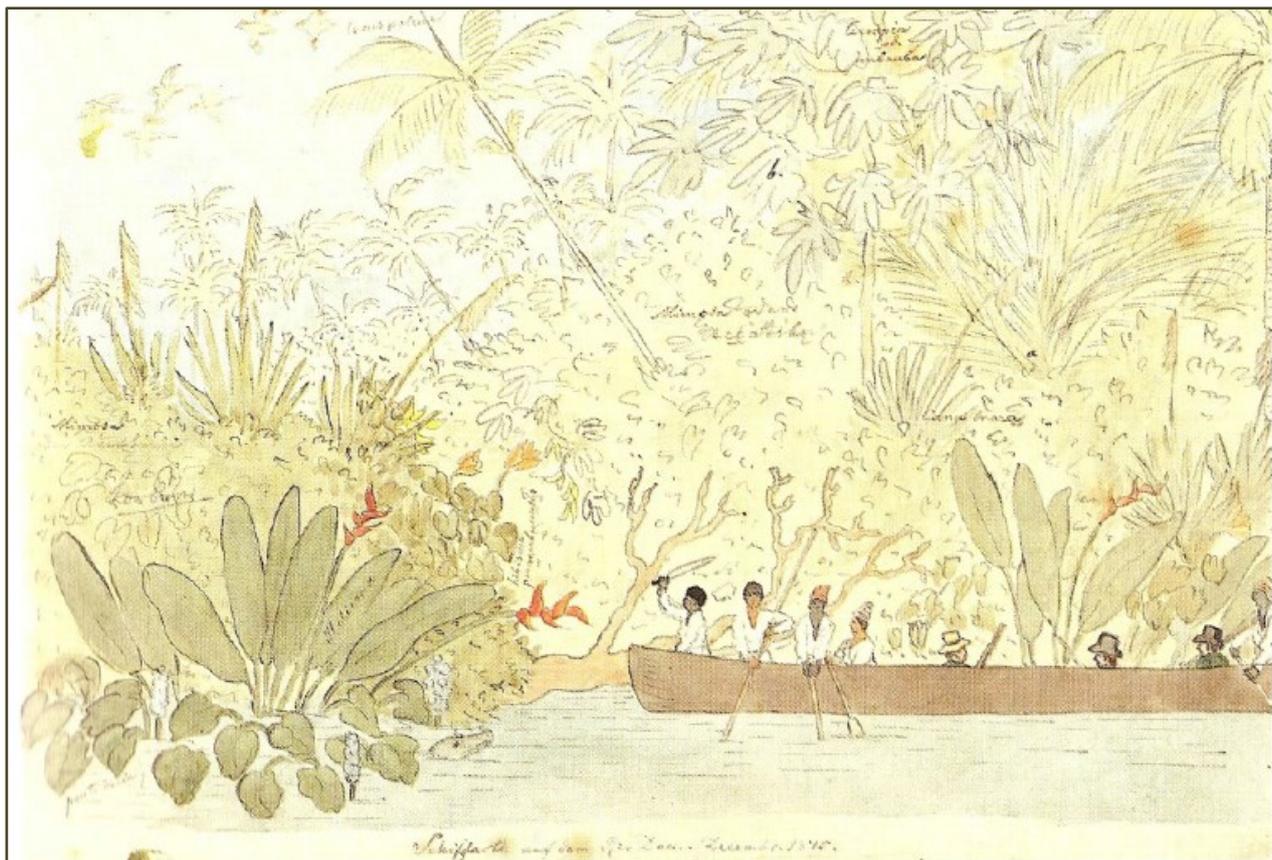
A passagem de Maximiliano pelo Rio Doce aconteceu em dezembro de 1815. Já no primeiro contato com o rio, na sua foz, escrevera que ele “pareceu duas vezes mais largo que o Reno no ponto de maior largura” (WIED-NEUWIED, 1958 p.155). Prosseguindo viagem e admirado pelo que via, continuou suas observações sobre a paisagem do Rio Doce:

Em plena manhã, a vasta superfície do rio cintilava ao sol; as margens distantes estavam tão densamente vestidas de selvas umbrosas, que, em todo o percurso vencido, não havia espaço livre onde se pudesse erguer uma casa. Ilhas numerosas, de vários tamanhos e formas, recortavam o espelho das águas; eram cobertas de velhas árvores de frondes luxuriantes. (...) Vinham das florestas os berros de numerosos macacos, sobretudo dos barbados, e dos saí-açus. Vimos aí, pela primeira vez em estado selvagem, as magníficas araras, um dos maiores ornamentos das florestas brasileiras; ouvimos-lhes os gritos altos e estridentes, e as admiramos a esvoaçar, esplêndidas, por sobre as cimas das altaneiras sapucaias. Podíamos reconhecê-las à distância pelos rabos compridos, e a brilhante plumagem vermelha refulgia deslumbrantemente sob os raios do sol. Periquitos, maracanãs, maitacas, tiribas, curicas, camutangas, jandaias e outras espécies de papagaios voavam aos bandos, em algazarra, de uma margem a outra, enquanto o grande e majestoso pato almiscarado pousava no ramo de uma *Cecropia*, na orla da mata, à beira do rio. O talha-mar permanecia imóvel, de pescoço encolhido, nos bancos de areia (coroas); tucanos e surucuás emitiam os altos gritos. Esses animais selvagens e os Botocudos, agora, aliás muito mais raros, são os únicos habitantes das margens do rio (WIED-NEUWIED, 1958 p.157).

O texto acima e a figura 2 evidenciam o encanto que a paisagem natural do Rio Doce lhe causara. Uma paisagem onde o ser humano convivia em harmonia com a natureza, extraindo somente o necessário para sua sobrevivência. O ser humano (rude selvagem botocudo, nos relatos de Maximiliano) e animais selvagens eram os únicos habitantes da densa mata.

Sobre o ser humano primitivo, o botocudo, que habitava as margens do Rio Doce, o príncipe Maximiliano realizou diversos estudos, registrando as características físicas e culturais e comparando-os com os primitivos de outras regiões que conhecera durante sua viagem pelo Brasil. Ainda sobre os botocudos, Maximiliano Wied-Neuwied (1958, p.285) descreveu-os da seguinte maneira:

A natureza dotou esses índios de boa compleição, sendo eles mais bem conformados e mais belos do que os das demais tribos. Apresentam, em geral, estatura mediana, não obstante apresentarem alguns porte mais avantajado. São fortes, em regra largos de peito e espadaúdos, mas sempre bem proporcionados; mãos e pés delicados. Como nos outros grupos, têm traços fisionômicos muito salientes, as maçãs do rosto grandes, o rosto às vezes achatado, mas, ainda assim, não de raro bastante regular; olhos, na sua maioria, pequenos, às vezes grandes, mas em geral pretos e vivos; lábios e nariz de ordinário grossos. Consta que também alguns existem com olhos azuis, referindo-se a propósito o caso da mulher de um chefe do Belmonte, tida como de grande beleza pelos seus conterrâneos.



**Figura 2:** Passeio de barco no Rio Doce.  
**Fonte:** Adaptado de Löschner e Kirschstein (2001)

Maximiliano foi um dos primeiros cientistas a estudar minuciosamente os indígenas botocudos, tendo convivido um período entre eles, o que gerou importantes estudos, tal como, a elaboração de um rico vocabulário da língua dos botocudos, que auxiliou os trabalhos de outros viajantes naturalistas sobre os tais indígenas.

A presença do homem “civilizado” dava-se, ainda escassamente, na região mais próxima à foz do Rio Doce, com destaque para o povoamento de Linhares, onde foram construídos postos militares para manter a comunicação com o litoral. A partir dos relatos de Maximiliano, foi possível observar, em Linhares, alterações na paisagem natural, onde os habitantes derrubaram várias árvores para plantar cana-de-açúcar e construir um engenho de açúcar movido pela água do Rio Doce. Wied-Neuwied (1958), quando esteve na casa do tenente de Linhares, João Filipe Calmon, fez nota de que o tenente desbravou um trecho da “floresta provando que as margens do rio eram férteis em extremo, e próprias para toda espécie de cultura”, incentivando, inclusive, a população a cultivar a terra.



**Figura 3:** Índios botocudos caminhando com crianças e carregando alguns utensílios fabricados por eles. **Fonte:** The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Picture Collection, The New York Public Library. (1823 - 1838).

Na construção do povoado de Linhares, constata-se, ainda pelos registros do príncipe naturalista, a ação antrópica modificando a paisagem, uma vez que, aos poucos, o homem foi construindo edifícios numa “área aberta na mata, perto da beira do rio”. Formavam o povoamento, casas pequenas - cobertas de folhas de palmeira ou uricana - que cercavam uma praça onde “há uma cruz de madeira, para cuja feitura se desgaltou simplesmente o cimo de uma grande e bela sapucaia, pregando-se-lhe uma viga transversal” (WIED-NEUWIED, 1958, p. 160).

A viagem pelo Rio Doce não durou muito, devido aos possíveis perigos causados pelos indígenas botocudos e por alguns impedimentos da Capitania. Mesmo assim, a passagem pelo Rio Doce marcou positivamente a vinda do príncipe naturalista aos trópicos. Wied-Neuwied (1958) registrara em seus diários que: “A estada no rio Doce foi, sem dúvida, uma das etapas mais interessantes das minhas viagens pelo Brasil; porque, à margem desse rio, de cenários tão soberbos e tão notável do ponto de vista das riquezas naturais, tem o naturalista muito com que se ocupar e experimentar as mais variadas e agradáveis emoções”.

## 5. SAINT-HILAIRE: BELEZA E POLUIÇÃO NO RIO DOCE

Auguste François César de Saint-Hilaire (1779-1853) foi um renomado botânico e viajante naturalista francês que esteve no Brasil, por duas vezes, entre os anos de 1816 e de 1822. Na primeira data, veio na comitiva do Conde de Luxemburgo (embaixador da França). As narrativas de suas viagens tornaram-se uma importante fonte para a historiografia brasileira, principalmente pelas observações sobre aspectos naturais, geográficos, históricos, sociais e culturais do Brasil.

Saint-Hilaire estudou botânica e tornou-se um importante cientista, chegando a lecionar na Universidade de Sorbonne e a participar de várias academias de ciências na Europa<sup>7</sup>, e, por seus estudos realizados no Brasil, foi elogiado por renomados cientistas da época, como o fez Alexander von Humboldt (1823, p.3 *apud* KURY, 1995, p. 5) na Academia de Ciências de Paris:

Uma estadia de seis anos no Brasil, uma grande extensão de terreno percorrida, em diversos sentidos e sob diversos climas, numerosas coleções em animais, vegetais e minerais, descrições exatas feitas nos próprios lugares, observações gerais sobre os climas, os lugares, os costumes dos habitantes, as produções naturais de cada localidade, a natureza dos terrenos e o tipo de cultura apropriada a cada um; tais são os resultados da viagem do Sr. de Saint-Hilaire.

No Brasil, empreendeu viagens pelos atuais estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que culminaram na publicação, no Brasil, do livro *Viagem ao Espírito Santo*, extraído dos capítulos VII a XV da publicação original: *Voyage dans le district des diamans et sur le littoral du Brésil*, o qual serviu como base para a análise da paisagem sob a ótica de Saint-Hilaire.

Entre as razões da viagem de Saint-Hilaire ao Espírito Santo, estava conhecer o Rio Doce<sup>8</sup>, e o fez posteriormente à viagem do príncipe Maximiliano. Saint-Hilaire leu os relatos de Maximiliano e confrontou-os em alguns momentos.

Nas primeiras páginas das anotações sobre o Rio Doce, Saint-Hilaire dedicou-se a detalhar a extensão dele, assim como descrever os principais rios que compõem a sua

---

<sup>7</sup> Saint-Hilaire foi membro da Academia Real de Ciências da França, do Instituto de França da Sociedade de História Natural, Sociedade de Ciências Físicas de Orléans, da Sociedade Lineana (Londres), da Academia de Ciências de Lisboa, da Sociedade de Ciências Físicas de Genebra. Para mais informações ver: PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: II – AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1779-1853). R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 173(455): 227-242, abr./jun. 2012.

<sup>8</sup> Acompanhou Saint-Hilaire, na viagem ao Rio Doce, o seu ajudante Yves Prigent e o botocudo “civilizado” Luís da Silva, que lhe servia de guia.

bacia, as cachoeiras, as primeiras vilas de povoamento que se encontram à sua margem e uma breve retrospectiva sobre as primeiras incursões.

Destacam-se, nos relatos de Saint-Hilaire, percepções sobre a paisagem natural, a paisagem humanizada e as consequências da ação antrópica na paisagem natural.

Saint-Hilaire (1974, p.90), maravilhado pela paisagem, descreve, assim, o cenário que via: “(...) o rio corria majestoso entre as escuras florestas que o margeiam. Completa calma reinava em toda a natureza e o silêncio do ermo era apenas perturbado pelo canto de umas pequenas cigarras e pelo barulho dos remos de que serviam meus canoeiros”.

Em seguida, o naturalista mostra-se apequenado diante da beleza das florestas às margens do Rio Doce: “(...) eu me sentia humilhado diante desta natureza tão possante e austera; minha imaginação se assustava, quando eu pensava que as matas imensas que me cercavam se estendiam” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.90) por toda a bacia do Rio Doce.

Sobre a presença humana nas proximidades do rio, Saint-Hilaire registou baixa ocorrência e, quando ocorria, era na transformação da natureza para subsistência:

(...) nada via à direita e à esquerda além de uma massa de vegetação quase uniforme. Entre a embocadura do Rio Doce e o lugar onde eu estava, não notei junto ao rio, ao sul, qualquer sinal de desbravamento; e na margem esquerda só contei 4 miseráveis cabanas habitadas por índios civilizados, que haviam derrubado um pouco da mata para poder plantar mandioca, abóboras e melancias (SAINT-HILAIRE, 1974, p.87).

Somente na Vila de Linhares<sup>9</sup>, que era o núcleo urbano mais próximo ao rio, Saint-Hilaire constatou uma presença maior do ser humano “civilizado”, onde se pôde observar um contraste entre a paisagem natural e a paisagem humanizada, como nota-se no relato que segue:

Ali (em Linhares) só existem choupanas, (...) uma praça perfeitamente quadrada, coberta de grama; na época de minha viagem, estavam terminando a igreja, que será muito bonita; ocupa o centro do lado norte da praça; fica, entretanto, um pouco afastada das casas e atrás dela as matas formam uma magnífica cortina (SAINT-HILAIRE, 1974, p.90-91).

Ainda sobre Linhares, Saint-Hilaire (1974, p. 91) continua: “O rio corre majestosamente abaixo da vila, muitas ilhas se elevam no meio dele e, do outro lado da margem, avista-se o engenho de Bom Jardim, rodeado de terrenos cultivados, que contrastam com as florestas virgens”.

---

<sup>9</sup> Segundo os relatos de Saint-Hilaire (1974), a vila de Linhares era formada por camponeses espanhóis que naufragaram perto de Vitória, desertores, alguns aventureiros, mulheres de má vida e índios fugitivos.

Durante sua viagem pelo Rio Doce, o naturalista registrou em seus diários o impacto ambiental causado pela ação antrópica, especificamente o impacto que a mineração exercera no rio. Ainda próximo a sua foz, Saint-Hilaire (1974) alerta que o leito do rio era “obstruído pelos resíduos das lavagens da Província de Minas”. Mais adiante, novamente destaca a poluição causada pela mineração: “quase na foz, suas águas são muito doces e podem ser bebidas; todavia, na época das águas, chegam carregadas de limo avermelhado, que é simplesmente o resíduo da mineração” (Saint-Hilaire, 1974, p.87). A partir desse trecho, observa-se que já, há duzentos anos, a degradação ambiental anunciava-se no Rio Doce, que se estendeu, progressivamente, até os dias atuais.

Quanto aos botocudos, Saint-Hilaire não se ateve a estudá-los, uma vez que esse não era o objetivo de sua viagem. Os poucos relatos sobre os indígenas são embasados em afirmações de viajantes anteriores ou de colonos que viviam próximos ao rio, que se referiam a eles, quase sempre, com estranheza e pavor. Contrariamente a essa ideia, Saint-Hilaire (1974, p. 89) escreveu: “quanto ao temor que antigamente havia dos botocudos, deve estar agora inteiramente afastado, porque, graças aos cuidados do senhor Guido Tomás Marlière, esses indígenas se tornaram amigos dos luso-brasileiros”. É importante destacar que, durante sua viagem pelo Rio Doce, o naturalista teve como guia um botocudo “civilizado”.

## **6. PRINCESA TERESA DA BAVIERA: COMPARAÇÕES DA PAISAGEM AO LONGO DO RIO DOCE**

Theresa Charlotte Marianna Augusta (1850-1925), além de princesa do Reino da Baviera<sup>10</sup>, foi uma mulher da ciência, que viajou por vários países, entre eles o Brasil, empreendendo importantes pesquisas na área da botânica, zoologia, etnografia, geografia, geologia e história. Conquistou o respeito de instituições científicas e acadêmicas ao redor do mundo, o que lhe rendeu o “*título de Doctor Philosophiae Honoris Causa* (1897), sendo a primeira mulher a receber tal honraria” (ALCÂNTARA, 2014, p.115).

Sua viagem ao Brasil aconteceu no ano de 1888, num momento em que o país passava por momentos políticos que marcariam a história, como a abolição da escravidão

---

<sup>10</sup> Teresa da Baviera era uma digna representante da nobreza alemã: neta de rei, filha de príncipe regente e irmã de rei.

---

e a crise monárquica, que resultaria na queda do Império e na Proclamação da República Brasileira.

Realizou pesquisas no norte, nordeste e sudeste brasileiro. No entanto, o recorte espacial para a análise proposta neste artigo, é o estado do Espírito Santo, especificamente sua viagem ao Rio Doce. Na apresentação da edição especial publicada no Brasil, em 2014, o historiador Luiz Guilherme Santos Neves (p.13) afirma que “dois propósitos trouxeram Teresa da Baviera ao Espírito Santo, na viagem de 1888 ao Brasil: conhecer a mata atlântica e travar contato com os índios botocudos”. E de fato o fez, descrevendo com ricos detalhes a fauna e a flora que compõem a mata atlântica e seus primitivos habitantes.

Diferentemente dos viajantes naturalistas, príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e Saint-Hilaire, também estudados nessa pesquisa, a princesa Teresa escolheu outro trajeto para chegar ao Rio Doce. Ao invés de subir pela foz, decidiu, a pé e a cavalo, caminhar pela densa floresta, o que a possibilitou um “contato íntimo e sensual (...) com as selvas capixabas, fonte inesgotável de espécimes da flora e da fauna a cada passo recolhidos para engordar o herbário de uma obsessiva estudiosa da natureza” (NEVES, 2014, p.17).

Esse trajeto favoreceu para que a princesa chegasse a outro de seus objetivos: conhecer os nativos da região. O primeiro contato com os botocudos foi decepcionante, pelo motivo de tê-los conhecido “semi-civilizados” e não aqueles selvagens e perigosos como ela queria.

Um ponto semelhante entre os príncipes naturalistas era o interesse em estudar os bravios botocudos. Assim, como Maximiliano, Teresa da Baviera desenvolveu estudos minuciosos sobre os botocudos e, talvez, mais profundos.

Diante de seus estudos, Teresa da Baviera (2014) concluiu que os botocudos, que habitavam as florestas às margens do Rio Doce, viviam ainda na “idade da pedra”, encontrando-se na “escala mais primitiva do desenvolvimento humano”. Assim os descreveu:

(...) não utilizam canoas nem, em geral, cerâmica e redes, e muitas vezes ignoram a técnica de construção de cabanas. Como recipientes utilizam pedaços de bambu e cascas de frutos da cabaça, da cabaça-amargosa e da sapucaia. Os poucos potes de barro que se podem encontrar entre eles são de confecção muito primitiva. O aquecimento de água é feito de modo muito ineficaz em tubos de bambu ou em folhas novas de palmeira ainda entreabertas, ou ainda por meio de seixos aquecidos no fogo e depositados num recipiente com água. (...) fazem uso de machadinhas de pedra e facas feitas de bambu. (...) Cestos, tacapes e recipientes de madeira raramente são encontrados. Vivendo nômades, utilizam no transporte de seus míseros pertences uma pequena rede trançada com fibras vegetais denominada acaíú, que as mulheres carregam às costas, suspensa à

cabeça por um trançado de fibras, e em que muitas vezes ainda carregam uma criança. Como armas utilizam o arco e a flecha e, raramente, tacapes. (...) Os botocudos alimentam-se de insetos de todo tipo e da caça de pequenos animais, aves, jacarés, lagartixas, cobras e peixes, estes na maioria das vezes pescados à flecha. (...) A comida é preparada sem qualquer tipo de utensílio culinário. (...) Não constroem cabanas. Em sua permanente migração satisfazem-se com pequenos abrigos construídos com galhos, ramos e folhas; só quando preveem uma permanência mais demorada em algum local é que costumam dar maior consistência a seus primitivos “ranchos”, colocando algumas estacas. Têm o hábito de dormir sobre um trançado de fibras estendido sobre o chão. (...) Quanto aos aspectos moral e espiritual, os botocudos pertencem à etnia mais primitiva. Como rito religioso, às vezes ainda praticam a antropofagia, extremamente disseminada entre eles no passado (AUGUSTA, 2014, p. 38-39).

Nos primeiros relatos sobre o Rio Doce, a princesa, assim como os naturalistas mencionados anteriormente, descreveu as principais características dele, acrescentando descrições sobre o clima. Segundo Augusta (2014, p. 75-76), “o clima em si é quente e muito úmido. Chove o ano todo, com maior intensidade de outubro até abril, no entanto, os outros meses são contados como parte da época de seca”.

É importante destacar que, durante a viagem pelo interior da floresta, a princesa fez poucas descrições sobre a paisagem. Isso se deve ao fato de a mata ser bastante fechada.

Quando enfim, a princesa chega ao Rio Doce, prossegue viagem embarcada - com seus ajudantes – numa canoa, onde continuou descrevendo suas observações sobre o rio e o seu entorno. De imediato, descreve a paisagem do rio por onde começou a descida em direção a sua foz: “O rio aqui era bastante estreito; rochas de gnaiss no fundo atrapalhavam seu curso silencioso. Ambas as margens eram escarpadas e cobertas de mata. As margens eram formadas por depósitos de areia e cascalho, enquanto as colinas, localizadas mais ao longe, eram de gnaiss” (AUGUSTA, 2014, p. 77).

As descrições da paisagem sob a ótica da princesa Teresa da Baviera, contidas em seus diários de viagem, oferecem comparações de paisagens observadas e registradas ao longo do rio. Por exemplo, as diferenças entre a paisagem nos arredores de Mutum, nos arredores de Linhares e nos arredores do rio mais próximo a sua foz. Pode-se inferir isso a partir dos seguintes relatos:

- Descrição da paisagem de Mutum:

Deixamos para trás a paisagem de Mutum, com as altas e íngremes margens do rio Doce cobertas de mata, as ilhas cheias de vegetação e as modestas serras do lado norte. Não era região que se pudesse chamar atraente, faltando-lhe também a exuberante vegetação do baixo Amazonas. Incontáveis rochas, de um brilho metálico avermelhado, lembrando cobre, e de bordas afiadas e superfície lisa, podiam ser vistas no leito do rio durante o trajeto até a localidade de Tatu. À vista

destes interessantes penhascos, que se assemelhavam a grandes cristais, uma súbita gritaria de macacos se fez ouvir na selva da margem esquerda do rio (AUGUSTA, 2014, p. 91).

- Descrição da paisagem de Linhares:

Da margem do rio Doce pudemos observar melhor a localização de Linhares. Este povoado se situa sobre um barranco de terra vermelha de cerca de 20 a 25 metros de altura, sendo limite de uma grande planície terciária que se estende ao norte do rio. Do ponto mais extremo que se projeta sobre o rio Doce pode-se apreciar uma bela paisagem rio acima e abaixo. As margens de aluvião, literalmente sepultadas sob mata, emolduram o rio, cuja superfície se acha semeada de ilhas rasas cobertas de mata (AUGUSTA, 2014, p.102).

- Descrição da paisagem próxima à foz do Rio Doce (entre Linhares e Regência):

Aqui, no curso inferior do rio, ao contrário do trecho mais para o interior, a floresta apresentava uma maior exuberância de palmeiras. A paisagem, uma miscelânea de palmeiras e árvores frondosas, mostrava-se mais atraente do que a que tínhamos visto nos últimos dias. Diferentes coqueiros, de espessa fronde, e o pati, de tronco delgado, como já referido, esgueiravam-se graciosos para os ares. Palmeiras de alvos troncos, cujos brotos fornecem o célebre palmito, inclinavam-se sobre as águas. Muitas cecrópias destacavam-se dentre outras tantas árvores frondosas. Como todas as árvores daqui do rio Doce, faltava à face ventral das folhas aquele aspecto branco aveludado, o que as diferenciava de outros tipos de cecropiáceas. Altos ramos de capim franjavam a margem, e trepadeiras entrelaçavam galho com galho, formando fantásticos caramanchões. Muitas terras caídas, ou seja, barrancos que a erosão fizera tombar, ofereciam imagens pitorescas à beira-rio. Árvores semi-submersas, algumas ainda com folhagem, outras apenas com seus galhos secos salientes, podiam ser vistas na água. Estes gigantes botânicos abatidos, que por vezes se apoiavam num emaranhado de lianas, levavam consigo em sua ruína todo um mundo de cipóse de plantas epífitas (AUGUSTA, 2014, p.103).

- - Descrição da paisagem a poucos quilômetros da foz do Rio Doce:

Cerca de uma hora antes de chegarmos ao estuário cessou o labirinto de ilhas, como também a luxuriante floresta. O rio, agora totalmente livre de ilhas, parecia ter dois quilômetros de largura. Em ambas as margens erguia-se a mata, porém de feio aspecto e pouca altura, e já com menor quantidade de cipós em suas árvores. Do lado sudeste já se ouvia o forte murmúrio do mar. A vista do mar continuava obstruída por uma linha de vegetação esverdeada (AUGUSTA, 2014, p.103).

Assim como Maximiliano de Wied-Neuwied e Saint-Hilaire, a princesa Teresa ficou impressionada com a paisagem que o cenário do Rio Doce proporcionava. Em determinado momento, escrevera que sua “língua revelava-se pobre para descrever tamanha exuberância da natureza”. Em outro momento, enquanto contemplava as margens do rio, de “vegetação pitoresca”, quis “capturar pela visão a paisagem encantadora” (AUGUSTA, 2014).

Em sua viagem pelo Rio Doce, a princesa naturalista teve contato com diversas paisagens, desde a natural à paisagem modificada pela ação antrópica, mas, ateu-se às descrições da paisagem natural, como se pode observar nos excertos acima.

## **7. BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os relatos dos viajantes naturalistas que estiveram no Brasil no século XIX, tornaram-se belas e importantes obras literárias e ricas fontes históricas sobre uma enormidade de assuntos de variadas ciências, entre elas a Geografia.

A Geografia Cultural e, nesse caso, também a Geografia Histórica, possibilitaram a análise da paisagem do Rio Doce sob a ótica dos viajantes naturalistas: príncipe Maximiliano Wied-Neuwied, Auguste de Saint-Hilaire e a princesa Teresa da Baviera.

Nos relatos contidos nos diários dos três viajantes pôde-se observar aspectos da paisagem natural e da paisagem humanizada e a forma que o ser humano modificava a natureza, seja para subsistência ou para construir casas e vilas ou para extrair lucros, como no comércio e na mineração. A partir das percepções de cada um, pôde-se também, observar as semelhanças e diferenças entre as paisagens ao longo do Rio Doce.

Nota-se também, a influência que o naturalista e geógrafo Alexander von Humboldt exercera sobre as descrições dos três viajantes. Assim como Humboldt utilizavam uma escrita romântica, mas sempre comprometidos com o rigor técnico e metodológico, dignos de pesquisas científicas.

## **REFERÊNCIAS**

ANA - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Encarte especial sobre a Bacia do Rio Doce: Rompimento da Barragem em Mariana**, 2015. 50 p. Disponível em: [http://arquivos.ana.gov.br/RioDoce/EncarteRioDoce\\_22\\_03\\_2016v2.pdf](http://arquivos.ana.gov.br/RioDoce/EncarteRioDoce_22_03_2016v2.pdf). Acesso em 28 mais. 2017.

ALMEIDA, C. A. de. **O desbravamento das selvas do Rio Doce: memórias**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

AUGUSTA, T. C. M. *Meine Reise in den brasilianischen Tropen – Viagem pelos trópicos brasileiros: Província do Espírito Santo* / Teresa Carlota Mariana Augusta; tradução de Ivan Seibel. – Vila Velha: Phoenix Cultura, 2014.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. **RA'EGA**. Curitiba, n.8. p.141-152, 2004.

CEZAR, T. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relato de viagem. *In: ALMANACK BRAZILIENSE*. São Paulo, n.11, p.26-33, mai. 2010.

COELHO, M. A. T. **Rio Doce: a espantosa evolução de um vale**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 135-146.

DENIS, F. **Brasil (1838)**. Editora USP/Itatiaia, 1980.

DUARTE, R. H. Olhares estrangeiros. Viajantes no vale do rio Mucuri. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n.44, p. 267-288, 2002.

FERRAZ, C. B. O. **Geografia e Paisagem: Entre o Olhar e o Pensar**. Tese (Doutoramento) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 394 p.

GANDAVO, P. de M. **Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz (1576)**. Editora USP/Itatiaia, 1992.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

KURY, L. La politique des voyages en France au début du XIXe siècle et la culture scientifique d'Auguste de Saint-Hilaire. *In: LAISSUS, Y. (Org.). Les naturalistes français en Amérique du Sud. XVIe-XIX siècles*. Paris : C.T.H.S., 1995.

LÖSCHNER, R.; KIRSCHSTEIN, B. **Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied**. Trad. Petrópolis: Kapa, catálogo, vol. II - Legado do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, 2001.

MOLIN, E.D.D; OLIVEIRA, J. P. de. Paisagem urbana e uso turístico. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**. v.2, n.1, 2008.

NEVES, L. G. S. A princesa das selvas. *In: AUGUSTA, T. C.M. princesa da Baviera. Meine Reise in den brasili-anischen Tropen – Viagem pelos trópicos brasileiros: Província do Espírito Santo / Teresa Carlota Mariana Augusta; tradução de Ivan Seibel. – Vila Velha: Phoenix Cultura, 2014.p.12- 21*

PAIVA, M. P. Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: II – AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1779-1853). *R. IHGB*, v.173, n.455, p.227 242, abr./jun. 2012.

PIJNING, E. O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied. **Oceanos**, v. 24, p. 26-34, 1995.

RIBEIRO, J. E. **Viagens, viajante e livros de viagem: Goiás na primeira metade do século XIX (1812-1850)**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”: Franca, 2004.

RISSO, L. C. Paisagens e Cultura: uma reflexão teórica a partir do estudo de uma comunidade indígena amazônica. **Espaço e Cultura**, n. 23, p. 67-76, 2008.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce**; tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

SOUZA, G. S. de. **Notícia do Brasil (1557)**. Livraria Martins Editora. S/d.

VASCONCELOS, D. de. **História Antiga das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

THE MIRIAM and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs: Picture Collection, The New York Public Library. (1823 - 1838). **Capo de Botocudos**. Retrieved from <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e1-1c5c-a3d9-e040-e00a18064a99>.

SOUZA e SILVA, D. de O. S; FRANCESA, M. A. A colônia de artistas de Le Breton. **Pesquisa em debate, edição**, edição 10, v. 6, n. 1, jan/jun 2009.

VITTE, A. C.; SILVEIRA, R. W. D. da. Kant, Goethe e Alexander Humboldt: estética e paisagem na Gênese da Geografia Física Moderna. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v.4, n.8, p.07-14, jul./dez. de 2010.

WIED-NEUWIED, **Maximilian Prinz zu. Reise nach Brasilien in den Jahren 1815, 1816 bis 1817**. Frankfurt: Heinrich Ludwig Brönnner, 1820-1821. vol. 1 e 2.

WIED-NEUWIED, M. **Viagem ao Brasil: nos anos de 1815 a 1817**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

Recebido: 11.11.2022

Aceito: 04.02.2023